Aos heróis gaúchos

Glauci Cruz

“A lembrança é um campo de batalha onde os mortos ainda pedem para ser ouvidos.”

Hoje é 20 de novembro. O calendário abre uma página para a consciência negra. Nós chegamos trazendo os outros dias: aqueles em que a cor da pele chega antes do nome, em que uma porta se fecha, em que permanecer de pé exige uma força que ninguém vê.

Dizem que é preciso refletir. A quem cabe essa reflexão? A nós, que aprendemos a reconhecer o peso de um olhar antes mesmo de compreender suas razões? A nós, que carregamos nossos mortos nos sobrenomes, nos silêncios da família, nas histórias que sobreviveram à falta de papel?

Ou a vós, que fizestes da pele uma fronteira e, do outro lado, deixastes a humanidade dos nossos?

Há perguntas que atravessam gerações sem encontrar quem as responda. Passam de boca em boca, sentam-se à mesa, acompanham as mãos no trabalho. Crescemos ouvindo algumas. Outras só entendemos quando a vida nos abriu a mesma ferida.

Nossos antepassados não poderiam caber em um dia. Vieram de longe para chegar até nós. Trouxeram cantos, saberes, nomes que a violência tentou arrancar. Houve quem guardasse uma palavra. Quem ensinasse uma reza. Quem repartisse o pouco. Assim, alguma coisa permaneceu, passando de mão em mão, até alcançar as nossas.

Se hoje pudessem nos ver reunidos, reconheceriam seus gestos em nossos corpos. Talvez sorrissem ao ouvir um canto antigo na voz de uma criança. Talvez, por um instante, descansassem. Mas que lhes diríamos quando perguntassem pelas portas ainda fechadas? Pela suspeita que acompanha nossos passos? Pela liberdade que seus braços ajudaram a erguer e que ainda precisamos defender?

Na história do Rio Grande, escuto essas perguntas entre o rumor dos cavalos e o ferro das lanças. Escuto uma promessa. Depois, o silêncio de quem deveria cumpri-la.

Enquanto ainda se contam glórias aos que menos obtiveram vitórias, mentiras na ponta da lança, onde a carne negra foi jogada como escudo à matança. Na terra vermelha, o sangue dos lanceiros se mistura ao pó. Eles foram chamados heróis, mas foram traídos pela própria história que os exaltava. Eles marcharam com coragem, lutaram sem glórias e morreram sem honras. Mas a lembrança deles insiste: não houve derrota quando se semeou esperança.